

**ENTRE A MODERNIDADE E A TRADIÇÃO: A CONSTRUÇÃO  
IDENTITÁRIA DO ESPAÇO ASSUENSE/RN A PARTIR DA ESCRITA DE  
FRANCISCO AMORIM**

**Roberg Januário dos Santos (PPGH/UFCG)**

**Lucilvana Ferreira Barros (PPGH/UFCG)**

**Iranilson Buriti de Oliveira (Orientador/PPGH/UFCG)**

*Por esse viés, encontra-se a relação do discurso com a pedagogia e com a instituição, duas formas da mesma estrutura: qualquer instituição é pedagógica, enquanto o discurso pedagógico é sempre institucional. (CERTEAU, 2011, p. 112).*

Os enunciados de Michel de Certeau evidenciam que os discursos estão imbricados em instituições que os fabricam e que os legitimam, de modo que os discursos também referendam o institucional. Ainda seguindo o pensamento de Certeau, observamos que tanto os discursos quanto as instituições atuam de forma pedagógica, ou seja, trabalham para ensinar, disciplinar algo ou alguém. Os discursos também fabricam espaços, uma vez que, conforme Albuquerque Junior (2011, p, 34), “todo discurso precisa medir e demarcar um espaço onde se enuncia”. Assim, os movimentos de territorialização e desterritorialização fazem parte do constante jogo discursivo, ou seja, a formas de dizer um espaço possibilita vê-lo de determinada maneira, por sua vez, diferente da enunciação feita por outras práticas discursivas ou não discursivas.

Nesse sentido, este trabalho se materializa em um ensaio textual acerca de um aspecto (tradição e modernidade) vinculado a um dos dois escritores no qual problematizo sua escrita em relação à espacialidade/identidade assuense, notadamente Francisco Augusto Caldas de Amorim<sup>1</sup>. Objetivamos neste texto problematizar os elementos modernos e tradicionais que perpassam a escrita de Francisco Amorim que, por sua vez, contribuem para construção identitária de Assu, particularmente analisamos sua obra *Forrobodó* (1984). Ressaltamos que grande parte das produções escritas de

---

<sup>1</sup> Nossa pesquisa de mestrado investiga as representações identitárias de Assu/RN a partir das produções dos escritores Francisco Amorim e Romulo C. Wanderley.

Amorim foram publicadas entre as décadas de 1960 e 1980, Os escritos históricos, memorialísticos e literários desse escritor assuense, traduzem narrativas que apresentam rastros de uma influência modernista, pautada nos ideias civilizatórios e progressistas, mas, estes atributos estão perpassados por um forte apego ao passado, ao local, e ao tradicional, de modo que o esforço em valorizar as raízes históricas do lugar construiu uma identidade local positiva tanto no passado, quanto no presente e no futuro.

Assim, a escrita de Francisco Amorim se coaduna para delinear uma ideia de tradição assuense, pois reforça a concepção de uma cidade que herdou do passado suas tradições, notadamente ancoradas na concepção de Atenas Norte-Rio-Grandense, terra dos poetas, do teatro, dos carnaubais, terra religiosa, dos heróis, de festejos populares, entre outros. A tradição pode ser entendida inicialmente com o sentido de entrega e a partir do século XVI passou a ser associada à imobilidade, a segurança e ao costume (LARROSA, 2004).

Assu durante o século XX presenciou a invenção de uma tradição, por sua vez, pautada nos atributos citados acima. Assim, Francisco Amorim fez parte de um grupo de intelectuais que acionaram sua maquinaria discursiva visando coadunar esforços para garantir a Assu um contexto histórico harmônico e uma ideia de espaço substancialmente poético, intelectualizado. Desse modo, estes intelectuais operacionalizaram algo semelhante com que os intelectuais do regionalismo nordestino da década de 1920 fizeram, pois conforme D'Andrea (2010, p.63), “[...] os intelectuais da ordem patriarcal tomarão para si a defesa dos valores culturais e literários da gente nordestina [...]”. Assim como no caso nordestino, os escritores assuenses também produziram em defesa de um lugar, este ancorado nas raízes históricas e lendárias da cidade.

Francisco Augusto Caldas de Amorim nasceu em Assu no ano de 1899, filho de Palmério Augusto Soares de Amorim e Maria Erudina Caldas de Amorim. Filho de família tradicional da cidade, Francisco Amorim cresce no convívio com a ordem das letras, pois sua vida na infância e juventude esteve ligada aos dois espaços comerciais de propriedade de sua família, a saber: A Farmácia Amorim e a Tipografia do mesmo nome. A farmácia durante o início do século XX era o ponto de encontro dos intelectuais assuenses, espaço dos diálogos boêmios e poéticos aos fins de tardes. Já na tipografia, a principal que Assu teve nessa época, gerenciada pelo seu irmão Palmério Filho, Chisquito, como assim esse escritor ficou conhecido no meio letrado do período,

foi redator por vários anos do jornal “A Cidade”, periódico que circulou em Assu nas três primeiras décadas do século acima citado.

Assim, a vivência de Francisco Amorim era tomada pela ordem das letras, todavia, sua prática de escrever já lhe rendia um lugar de produtor desta ordem. Estes ambientes foram fundantes para o aprendizado de Amorim, assim como as aulas com as professoras França e Sinhazinha Wanderley, ambas de Assu. Este intelectual assuense também exerceu vários outros cargos e funções ao longo de sua vida, pois foi desde auxiliar de farmácia, vereador, Inspetor de ensino Juiz de Paz, Auditor Fiscal Federal até prefeito da Cidade de Assu entre 1953 e 1958, entre outros. Francisco Amorim faleceu em 1999.

Desse modo, a trajetória de jornalista e poeta conduziu Francisco Amorim à condição de escritor, condição esta que permitiu a ele integrar os quadros de várias instituições ligadas a promoção e divulgação do saberes espalhadas pelo Brasil, entre elas se destaca o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Esta instituição operou determinadas influências na escrita de Francisco Amorim, uma vez que sua concepção de história seguiu em linhas gerais a postura dos IHGRN para com os estudos históricos, pois além da coleta de documentos, a matriz teórica do instituto possuía, conforme Monteiro apud Santos (2010, p.7),

[...] uma visão de sociedade esvaziada de conflitos sociais; uma visão de política como atividade exclusiva das elites; a recorrência como tema dos estudos, de determinados fatos históricos enobrecedores, nos quais celebram-se certos personagens históricos que deles participaram, a predominância da descrição sobre a interpretação, originando uma história crônica ou factual e ausência do que nós chamamos hoje de rigor metodológico.

Desse modo, a sua participação como membro do IHGRN possibilitou a Francisco Amorim também o status de historiador, ou seja, mesmo sem formação acadêmica nesta área, fazer parte do corpo de membros deste instituto lhe rendeu o lugar de historiador. De acordo com este contexto, Francisco Amorim tornou-se uma espécie de guardião da história assuense, aquele tido pelos seus pares como o agente imortalizador da historicidade local que tendia a se esvanecer, se perder pela ação do tempo. Esse intelectual adotou comportamento no sentido de fornecer ao lugar uma memória que pudesse ser escrita, é aquele que tenta salvar “os fatos históricos mais relevantes da cidade”. Seu discurso era legitimado pela pertença ao IHGRN, uma vez

que esta instituição e Academia Norte-Rio-Grandense de Letras se tornaram em boa parte do século XX, os espaços do saber potiguar.

Desse modo, desde o início do século XX, a cidade de Assu recebeu investimentos que diziam respeito ao cenário modernizador, tendo em vista que várias artérias da cidade passaram por reformas com a implementação de calçamentos, sistemas de abastecimento elétrico, posteriormente abastecimento de água, ainda registra-se reformas em logradouros públicos, como as executadas no prédio da prefeitura municipal, mercado público e cemitério. A chegada do Cinema e junto com este a era das projeções (SANTOS, 2009). Tomando por base esse contexto, a trajetória assuense ao longo dos 1900, acompanhou a lógica cidadina desta temporalidade, oportunidade em que são diagnosticados o aumento demográfico, a diversificação econômica e o avanço dos frutos da tecnologia, de modo que Amorim reconhece tal situação chegando a expressar em suas obras.

No entanto, Amorim demarca essa conjuntura moderna em relação ao Assu atrelada a ideia de tradição, por isso, embora tenha sido considerado um escritor modernista, deve ser entendido como escritor modernista a lá tradicional, ou seja, aquele escritor ciente da realidade em que está inserido, mas que está na contramão do modernismo europeu, uma vez que enquanto este último valoriza totalmente o novo negando o que passou, o modernismo que identificamos na arte escriturística de Amorim reflete características do movimento modernista de vanguarda brasileira, com traços do movimento modernista paulista iniciado na primeira metade do século XX por intelectuais como Mário e Oswald de Andrade, movimento este classificado por Ferreira (In: PESAVENTO, 2004, p. 91) como de natureza paradoxal, pois

[...] se conjugam no modernismo, posturas aparentemente contraditórias: combate ao passadismo e o retorno a tradição, cintilações futuristas e ancoragem na história, louvor a civilização industrial e temáticas decadentistas, culto aos signos modernos e figuração mítica das coisas da terra, internacionalismo, brasilidade e regionalismo.

O movimento modernista do Rio Grande do Norte, apresentou traços que o identificam como movimento que esteve atrelado a base passadista no sentido de constituição de uma cultura autêntica brasileira e potiguar, por sua vez, valorizando o passado como impulsionador do presente e do futuro. Assim, em discurso proferido na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e publicado em 1970, Manoel Rodrigues de

Melo, intelectual da região do Vale do Açu<sup>2</sup> e membro da academia acima referenciada, além de situar Francisco Amorim no rol dos escritores potiguares de cunho modernista, evidencia o perfil desse movimento no Estado quando considerou que a atitude do então governador e, por conseguinte escritor Antonio José de Melo e Sousa, de comemorar o centenário da independência do Brasil foi “[...] um ato de fé modernista, nas festas que realizou, no momento que inaugurou, nos discursos que proferiu, inspirado no passado, construindo o presente e plantando a semente de um Brasil Novo que sugeria para o futuro” (1970, p.161). Ou seja, aqui se percebe a ideia de um passado inspirador do presente e germinador do futuro.

Dessa forma, em uma obra tida como modernista, a qual Amorim classificou de futurista, a saber: *Forrobodó*, produzida em 1929 e publicada em 1984, prefaciada pelo mesmo Manoel Rodrigues de Melo já citado acima. Amorim demonstra as características do modernismo já explicitadas preteritamente, na medida em que ao mesmo tempo em que seus versos se remetem a civilização e seus progressos também vincula esta discussão a aspectos do passado, saudosismo e conservadorismos. Assim, ao versar sobre a mulher, ele assim se expressa

Saia curta, decote, braços nus, lábios róseos a custa De carmim. Graças às águas Oxigenadas, Tem uns cabelos à moda Homem, que nem são louros. Nem são castanhos...Quando ela passou por junto de mim, Eu fiquei a pensar na cegueira do pai dela (AMORIM, 1984, p. 8).

Nestes versos, Amorim demonstra sua sensibilidade às novas formas de apresentação estética da mulher, de modo a exprimir suas novas maneiras de vestir e maquiagem. Todavia, elenca “a cegueira do pai dela” frente a sua arrumação, ou seja, Amorim concomitantemente ao evidenciar uma mulher até certo ponto moderna, ressalta a falta de pulso, a displicência do pai, o que implica pensar que em seu pensamento estavam presentes ideais conservadores e patriarcais resquícios de uma sociedade sertaneja. Implicitamente ele faz uma crítica a essa “nova mulher”, uma vez que seu tom de escritura manifesta certa artificialidade feminina, ao passo compara os cabelos dessa com os de homem, o uso da água oxigenada, cabelos esses irreconhecíveis, pois “nem são louros, nem são castanhos”. Além disso, demonstra sua

---

<sup>2</sup> O nome Açu vem do tupi Taba-Açu (referindo-se a "Aldeia Grande"). Ao longo dos anos, a grafia foi alterada para *Assu*. Todavia, tanto o rio quanto o vale continuam sendo escritos com ç.

perplexidade em ver passar uma mulher com tantas diferenças e vestida audaciosamente para a época.

Já em outro verso da mesma obra, Amorim traduz a chegada da ambiciosa civilização através do automóvel, de modo que este representa a força da evolução e ao mesmo tempo a ameaça ao habitat natural. Assim, Amorim evidencia que

Destemido, valente, audacioso, o automóvel faz-se sertões adentro, conduzindo somente carta branca da deusa evolução. Galou serras, correndo velozmente que só as bestas-ferras do tempo das burrinhas. Quando passa, fogem Os passarinhos, os cavalos... o rebanho de ovelhinhas ... o pedregulho bate enraivecido nos para-lamas... um cheiro forte de gasolina fica parado no ar. Afrontando, porém, toda essa espalhafatosa exibição de forças, o jumento fica impassível, indiferente a passagem da ambicionada CIVILIZAÇÃO... (AMORIM, 1984, p.16)

Nesse trecho escriturístico de Amorim, podemos entender que para este escritor a modernidade civilizatória era algo notório que rompia os ditames do natural, que representava a força da maquinaria da modernidade impulsionada pelos avanços tecnológicos. Todavia, essa chegada do progresso não se dá sem resistência, uma resistência advinda da própria natureza, de modo que o pedregulho reage ao automóvel se lançando contra ele. É uma evolução que agride a natureza, que associada às bestas-feras do inimigo (modernidade) afugentava a fauna da região, agredindo assim elementos da tradição local.

Percebe-se que nestes versos, Amorim refletia as transformações da época desta escritura (1929), pois tanto o novo perfil de mulher quanto o automóvel se traduziam em novidade para este escritor. Em relação a mulher neste período, Maluf e Mott (In, SEVCENKO, 1998, p.371) apontam que “ era nas cidades, as quais [mulheres] trocavam sua aparência paroquial por uma atmosfera cosmopolita e metropolitana, que se desenrolavam as mudanças mais visíveis”. Assim, esse é um momento em que várias mulheres, particularmente da elite sócio-econômica de Assu, transgrediam os valores do conservadorismo se comportando diferente, participando das artes e literatura, da vida social da cidade, como no jornalismo entre outros.

Além disso, o automóvel chegou em Assu pela primeira vez em 1919, por oportunidade dos testes referentes a estrada que ligava Assu a Mossoró. Portanto, na

época da juventude de Amorim. Neste período, o automóvel foi tido como sinônimo da modernidade, ao passo que

O automóvel, que, na passagem do século, representava o mais atrativo signo dos tempos modernos, fora introduzido na capital Federal apenas dois anos antes [1901], por José do Patrocínio, líder sobrevivente da Boêmia do Rio antigo. Em seu primeiro passeio conduziu também o prestigiado poeta Olavo Bilac, o ardente cronista das reformas urbanas do Rio de Janeiro, estabelecendo um dos marcos do ingresso do Rio de Janeiro no mundo moderno. (ARRAIS, 1998, p. 61-62).

Também registramos que 1925 foi o ano da inauguração do sistema elétrico de Assu, proporcionado por um motor a carvão vegetal. Amorim em *Forrobodó* trata de tal questão fazendo uma crítica, pois evidencia as falhas do referido sistema que deixava a cidade em escuridão completa sendo necessária a utilização do modo tradicional das lamparinas a querosene. Ainda menciona que “seu Luiz, meio grave, americanizado”, eletricitista que cuidava do referido sistema, não conseguia solucionar o problema. Nesse sentido, os reflexos da modernidade não chegam a contento necessitando ainda do apoio dos elementos tradicionais.

Além do mais, a arte escriturística de Amorim apresentava traços de um escritor que pretendia guiar seus conterrâneos para conhecerem um tipo ideal de cidade, influenciando na maneira de ver o lugar. Sua postura denuncia uma espécie de “missão social”, na medida em que atuaria na formação de uma identidade local e concomitantemente a proteção dessa identidade frente a outras identidades. Essa postura é explicável mediante seu pertencimento a uma elite local advinda da sobreposição econômica, social e cultural perante a sociedade assuense. Assim, levando em consideração os dizeres de Hall (2006) de que as identidades são construídas mediante a sistemas de representação simbólica, Amorim não poupa esforços para gestar uma identidade assuense pautada na força das personalidades importantes da cidade e nos atributos legados do passado lendário assuense, produzindo uma imagética local com numa gama de símbolos.

Em *Educandário Nossa Senhora das Vitórias* (1977), Amorim demonstra que embora a construção de uma escola com este mesmo nome em Assu, no ano de 1927, representasse a chegada de uma pedagogia moderna, ela teria sido possibilitada pelo

espírito poético, intelectual e vigoroso dos assuenses, pois estes precisavam instruir sua juventude para que esta perpetuasse as prerrogativas intelectuais e morais da cidade. Daí Amorim (1977, p. 22) nota que

“a nova organização de ensino seria o instrumento tornado evolução, burilando os caracteres, estimulando o sentido vocacional, ativando o manuseio e o apego aos livros, associando a leitura os ditames morais, criando, assim, um estado de elevação intelectual - base primordial para a expansão do pensamento e a modalidade do agir”.

Assim, uma característica marcante de alguns escritos de Amorim é sua ênfase no tradicional, é a defesa de um lugar de memória, de um lugar social e institucional, pois não obstante, ao expressar elementos de uma cultura dita moderna, ele sobrepuja esses elementos mediante a ênfase dos aspectos continuistas, essencialistas e ordenadores, consubstanciados por um reforço a identidade tradicional da espacialidade assuense. Assim, sua veia moderna está pautada em um presente e futuro dinâmico, mas ancorado nas raízes de um passado realizador. Desse modo, ASSU em Revista (1980, p. 3) trás no texto de apresentação o seguinte enunciado

Esta revista não tem fins lucrativos. A sua publicação orienta-se no sentido propagar, espalhar e difundir os hábitos, os costumes, a tradição e a história da comunidade assuense, desde seus primórdios até a estação presente. Destacando os seus filhos, valorizando os seus feitos, enaltecendo as suas atitudes, como um exemplo à geração presente e um roteiro a geração futura.

Ou seja, as conquistas modernas não poderiam deixar de estarem respaldadas por uma construção local e cultural advinda das bases do povo assuense, as novidades chegariam, mas os costumes em comum e a tradição local orientaria tais renovações ao ponto de se pensar que estas só se realizariam mediante a consciência de determinada força memorial e histórica que impulsionaria os sujeitos para as ações. É por este viés que o discurso de Amorim se institui como pedagógico, ele pretende ensinar e disciplinar os assuenses a pautarem suas vivências a partir de uma visão da espacialidade local identificada com as conquistas intelectuais, poéticas, atos heróicos e religiosos. É desse contexto que compreendemos um Francisco Amorim com uma escrita interessada em guiar o olhar dos assuenses para os mitos de origens do lugar, os heróis, os fatos e intelectuais. Portanto, sua escrita através da obra Forrobodó (1984)



entre outras, possibilita compreender que o tom modernista não apaga a tradição, mas sim a inscreve no contexto histórico e textualmente poético de Assu.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

AMORIM, Francisco. **Educandário Nossa Senhora das Vitórias: 50 anos**. Assu: Coleção Assuense, 1977.

AMORIM, Francisco. **Forrobodó**. 1ª. Edição. Natal/RN: Clima, 1984.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha salvacionista de 1911**. Natal: EDUFRN, 1998.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Tradução de Guilherme João Freitas Texeira. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

D'ADREA, Moema Selma. **A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas**. 2ª. revista e ampliada. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

FERREIRA, Antonio Celso. Heróis e vanguardas, romance e história: os intelectuais modernistas de São Paulo e a construção de uma identidade regional. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. – Bauru, SP: EDUSC, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Traduzido por Cynthia Farina. – Belo Horizonte: Autentica 2004.

MELO, Monoel Rodrigues. **O movimento modernista no Rio Grande do Norte**. In: Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras. Ano XIX. Nº 8. Natal. 1970.

SEVCENKO, Nicolau (org). **História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Roberg Januário dos. **Desenho urbano transformações modernizadoras em Assú (1900-1930)**. In: ANAIS DO I ENCONTRO DE PESQUISA EM ASSÚ – 2009. Assu. EPA. Natal: EDUFRN, 2009.

SANTOS, Roberg Januário dos. **Representações identitárias do espaço assuense a partir dos escritores locais (1960 – 1985)**. In: IV Encontro Estadual de História. 2010. Natal/RN: EDUFRN, 2010, p. 1-17.